

CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO DE HABILIDADES EXPERIENCIAL E ABSTRACIONAL (IHEA) E SUA APLICAÇÃO NA MEDIÇÃO AFETIVO-COGNITIVA. Marília Souza da Silveira, Cristiano Mauro Assis Gomes, Juliana Nassau Fernandes, Patrícia Pereira Marçal, Alessandra de Oliveira Cruz. (Universidade Federal de Minas Gerais)

No âmbito cognitivo, a complexidade hierárquica consiste na organização não-arbitrária realizada por um organismo, na qual a coordenação de suas ações acontece por meio de uma ação de nível superior que articula as demais de nível inferior. Os proponentes da Escola de Cambridge mostram que este conceito é capaz de explicar o desenvolvimento cognitivo e que pode ser verificado empiricamente em diversos contextos. Já a experienciação, central na Teoria do Implícito de Gendlin, consiste no processo de vivência experienciada por uma pessoa na relação corpo-ambiente. Tal processo indica o fluxo de desenvolvimento pessoal por meio da conscientização e da diferenciação de sensações, emoções, percepções e sentimentos oriundos da experiência humana. Atualmente, a literatura científica apresenta as esferas cognitiva e experiencial com métodos de mensuração baseados em análises de entrevistas não estruturadas. Na tentativa de relacionar ambos os domínios e propor um método padronizado de testagem, construímos o IHEA, pautado na idéia de que o campo cognitivo é imbricado ao experiencial e vice-verso. O presente trabalho descreve as etapas de construção do instrumento, assim como seu processo de validação de conteúdo e análise semântica. Em função da necessidade de articulação dos campos cognitivo e experiencial, o primeiro passo foi estabelecer um contexto comum de investigação para ambos os domínios, além da formulação de perguntas relativas a eles, visando o compartilhamento do lócus de causalidade, predominantemente interno. A segunda etapa foi composta pela criação de histórias e itens que identificassem o lócus de causalidade do respondente. O terceiro passo consistiu na aplicação do teste em uma amostra piloto e, também, na análise das respostas. Frente às lacunas encontradas, no quarto passo houve a reformulação das histórias em situações hipotéticas, nas quais o respondente deve fechar os olhos e se imaginar na cena, o que permite a ele vivenciá-la, mesmo que hipoteticamente. No quinto passo, buscou-se garantir uma maior verbalização por parte do respondente, por meio do acréscimo de perguntas específicas dentro dos itens. O sexto passo consistiu na aplicação do teste em uma amostra piloto, com o objetivo de verificar possíveis lacunas e imperfeições. E o sétimo passo foi construir um método objetivo de formação de escores das respostas para classificar os níveis experiencial e cognitivo do respondente. Em sua forma atual, o instrumento propõe três situações específicas imaginárias, a partir das quais três itens irão mensurar os níveis de experienciação e, outros três, os níveis abstracionais. Os itens do primeiro grupo tem o objetivo de verificar a habilidade do indivíduo em identificar o fluxo experiencial que ocorre em seu organismo naquele momento, ao focar em sensações corporais, sentimentos, reações e pensamentos. As respostas fornecidas pelo entrevistado são classificadas em níveis de acordo com a Escala de Experienciação de Gendlin e Tomlison. O segundo grupo de itens, por sua vez, busca medir os níveis cognitivos alcançados, a partir de classificações realizadas conforme a Escala Geral de Desenvolvimento da Escola de Cambridge.